

POTENCIALIDADES DE DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO NA REGIÃO DE MIRANDA COM BASE NA LÍNGUA E PATRIMÓNIO CULTURAL: UMA PROPOSTA

Alcides Meirinhos¹

Ana Raquel Aguiar²

Josefina Salvado³

Resumo

A língua e a cultura mirandesas são os pilares do património material e imaterial do Planalto Mirandês / *Praino*, tornando esta região, do ponto de vista histórico, linguístico e cultural, uma oportunidade ímpar de desenvolvimento turístico.

Assim, plenamente conscientes da importância do turismo cultural como agente de promoção local e desenvolvimento do território, defendemos a criação de políticas de incremento do turismo e da língua-cultura, que acreditamos poder encorajar a exploração do legado de uma área histórica.

Desta forma, após uma breve apresentação e caracterização do Município de Miranda do Douro, analisaremos a importância da língua, cultura, etnografia, património material e imaterial da região de Miranda, propondo estratégias que a promovam como destino turístico dentro e fora do país. Para o efeito, apresentaremos a recriação de algumas tradições que incentivam e promovem a recuperação de simbologias e rituais caídos em desuso a partir de meados do século XX, valorizando um conceito de turismo alicerçado nas tradições e memória coletiva, ou seja, na identidade cultural.

Palavras-chave: língua, cultura, turismo cultural.

¹ alcides.meirinhos@netvisao.pt

² Universidade Portucalense, aaguiar@upt.pt

³ Universidade Portucalense, josefinas@upt.pt

POTENCIALIDADES DE DESENVOLVIMENTO TURÍSTICO NA REGIÃO DE MIRANDA COM BASE NA LÍNGUA E PATRIMÓNIO CULTURAL: UMA PROPOSTA

Abstract

The language and the Mirandese culture are the basis of tangible and intangible heritage of Miranda Plateau / Praino, making this region the historical, linguistic and cultural point of view, a unique opportunity to tourism development.

In this sense, aware of the importance of cultural tourism as a local agent promotion and development of the territory, we defend the creation of increase in tourism and language-culture policies, we believe we can encourage the exploitation of the legacy of a historic area.

So, after a brief presentation and characterization of Miranda do Douro, we analyze the importance of language, culture, ethnography, tangible and intangible heritage of Miranda region, we propose strategies to promote Miranda do Douro as a tourist destination within and outside the country. To this end, we present the recreation of some traditions that encourage and promote the recovery of symbols and rituals fallen into disuse since the mid-twentieth century, valuing a concept of tourism rooted in the traditions and collective memory, that is, in cultural identity.

Key words: language, culture, cultural tourism.

1. INTRODUÇÃO

O setor do turismo tem demonstrado uma forte capacidade de adaptação às mudanças do mercado, dando resposta às necessidades que os turistas revelam de informação e formação pessoal ao longo da vida.

Neste contexto, estamos plenamente conscientes de que a forma como se organizam os tempos livres sofreu uma modificação que se faz sentir em diferentes vertentes, “quer em relação aos tempos, quer em relação aos modos e também em relação aos territórios que os enquadram. Hoje, o lugar e a sua singularidade estão cada vez mais presentes na procura turística (Cravidão y Santos, 2013: 10). Neste caso, as questões identitárias e de memória coletiva adquirem relevo, o que remete, na mesma linha de sentido, para os conceitos de língua e de cultura e a sua intervenção na área do turismo.

2. ANTECEDENTES

“... L mirandés ye ua lhéngua que se eidentefica cun personas. Ten rostros. ... esto ye ua herdança mui pesada que nós tenemos. ye un perbileijo ser mirandés i tener esta herdança. ... L nuosso deber ye mantener esta herdança! ... cume cidadanos pertueses ye un deber de cidadanie que nós tenemos, nun deixar caer esta parte de la cultura pertuesa, porque esto ye ua lhéngua de Pertual.”

Francisco Niebro, in Ancuontro de Bloggers 2008

Refletir sobre as potencialidades de desenvolvimento turístico numa região com base na língua e património cultural implica, indubitavelmente, problematizar os conceitos de língua, cultura e identidade.

Assim, não há cultura sem língua e a identidade constrói-se por meio da língua e da cultura, apresentando-se como necessária a existência de uma interdependência entre os conceitos de língua, cultura e identidade, salientando que a língua atravessa tanto a cultura quanto a identidade, e é também por elas trespassada.

Partindo da língua, verifica-se que esta é compreendida como o conjunto sistemático de signos, baseado num certo número de regras, que uma comunidade utiliza para comunicar, regendo a sua vida. Por sua vez, Terry Eagleton (2005) define cultura como um conjunto complexo de valores, costumes, crenças e práticas que constituem o modo de vida de um grupo específico. Aliás, esse conjunto possibilita ao indivíduo inserir-se e interagir no seu grupo social, permitindo-lhe negociar maneiras apropriadas de agir em contextos específicos, incluindo afeto, relacionamento, memória, parentesco, lugar, comunidade, satisfação emocional, prazer intelectual. A cultura mostra-se, portanto, cumulativa, pois reúne conhecimentos e experiências ao longo das gerações, sendo também produção e construção de conhecimentos. Estes são transmitidos na socialização dos indivíduos, são (re)vividos e (re)atualizados, gerando novos conhecimentos e novas experiências. Por isso, a cultura não é o resultado de ações isoladas de um único elemento, mas de uma coletividade que se configura como sinónimo de criação, de aprendizagem e de cooperação, sendo modificada e enriquecida continuamente, num processo coletivo. Desta forma, a cultura é uma ferramenta que permite a inserção do indivíduo no meio social, instrumentalizando-o a conviver socialmente e a adotar padrões de comportamento com que se identifica, sendo aceites pelo seu grupo de referência. Por outro lado, o conceito de identidade sugerido por Tomaz Tadeu da Silva (2000) apresenta-se como um significado – cultural e socialmente atribuído - , uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo. Segundo este autor, a identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada. Na mesma linha de sentido, e de acordo com Castell (2000), toda a identidade é construída, valendo-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso. Porém, todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que reorganizam o seu significado em função das tendências sociais e projetos culturais enraizados na sua estrutura social, bem como na sua visão de tempo/espço.

É neste contexto que a língua se configura como um produto cultural e histórico, existindo antes de nós, e continuará a existir depois de nós, sendo utilizada para

representar, de forma oral ou escrita, os pensamentos, sentimentos, sensações, emoções, percepções. Por outras palavras, é fundamental para se compreender a identidade de um povo.

Em suma, e acordo com Hall (2004), as culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações, sendo um modo de construir sentidos, que influencia e organiza tanto as nossas ações quanto a ideia que temos de nós próprios. As culturas nacionais constroem, portanto, identidades, pois produzem sentidos com os quais nos podemos identificar. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam o seu presente com o seu passado e imagens que dela são construídas.

Em suma, Bakhtin (1998) considera que se dotarmos a palavra de tudo o que é próprio da cultura, toda a cultura não é nada mais que um fenómeno da língua. Ou seja, é a palavra que move a cultura e lhe dá sustentação. Sendo assim, não há cultura sem língua, nem língua desprovida de cultura. Do mesmo modo, não há identidade desligada da língua, nem língua que não preveja a construção de uma identidade.

3. METODOLOGIA

A questão fundamental deste trabalho assenta na compreensão da língua e cultura mirandesas como fatores identitários e de interculturalidade de um território (Concelho de Miranda do Douro), analisando a sua importância para a construção de um diagnóstico de potencial destino turístico singular e sustentável. Assim, pretende-se lutar contra os efeitos de um mundo turístico homogeneizado pela globalização, onde se verifica uma perda da identidade cultural das comunidades (Welsch, 1999; Giddens, 2000; Pronk, 2004), favorecendo a criação de padrões culturais sincréticos que, frequentemente, esbatem as diferenças culturais ao estabelecerem fronteiras permeáveis e flexíveis através da articulação de signos de diferentes origens (Arantes 2005).

Na patrimonialização do território, seguiremos as orientações da Lei nº 107/2001 de 8 de Setembro que estabelece as bases da política e do regime de proteção e valorização do património cultural, pois entendemos que o acervo histórico/cultural deste território deve ser devidamente documentado e inventariado numa Carta Municipal de Património Cultural (material e imaterial), servindo como um dos pilares do projeto de desenvolvimento turístico sustentável.

Os objetivos da pesquisa deste projeto apoiam-se em dois eixos metodológicos que se relacionam. Um é baseado em modelos do turismo (Mill e Morrison, Inskip e Cooper), visando identificar os atributos principais que podem transformar aquele território num destino turístico. Num segundo eixo, procura-se aplicar as metodologias de inventariação, que contribuam para o levantamento sistemático exaustivo e temático das heranças patrimoniais, como orientadores para o seu uso e para a sua fruição turística. A doutrina subjacente a este projeto de investigação repousa em conceitos de interculturalidade (mirandês/português/castelhano) e em princípios de diversidade e pluralismo culturais, como fontes de troca, de inovação e de criatividade, tal como a biodiversidade na ordem da vida. Do ponto de vista do turismo, consideramos o encontro de culturas uma forma positiva de preservar e disseminar a identidade de um povo e um atributo diferenciador na atratividade de um destino turístico.

A nossa proposta estuda o potencial turístico do Concelho de Miranda do Douro, reunindo os factos patrimoniais em fichas de identificação, contendo dados históricos, documentais, fotografias, georreferenciação, plantas e entrevistas.

O projeto de diagnóstico em turismo deverá considerar também as políticas e linhas estratégicas definidas pelas organizações internacionais ligadas ao setor, nomeadamente a Organização Mundial do Turismo e a Comissão Europeia (área do turismo), a nível nacional, pela Secretaria de Estado do Turismo e o Turismo de Portugal, e a nível regional e local pela Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Norte (CCDR Norte) e as linhas definidas pela própria Câmara Municipal de Miranda do Douro. Este tipo de abordagem permitirá criar uma base teórica sólida para perceber o potencial turístico deste território nas suas várias perspetivas/ ferramentas de diagnóstico:

Perspetiva	Ferramentas de diagnóstico
Oferta turística;	<ul style="list-style-type: none"> • Caracterização do território do município e a sua integração na região envolvente; • Inventariação dos recursos turísticos primários e complementares; • Evolução da oferta turística do território; • Identificação dos elementos competitivos e de diferenciação do território; • Definição dos produtos turísticos estratégicos e complementares; • Construção de uma base de dados de recursos, que será disponibilizada à autarquia para promoção/comunicação <i>online</i>.
Procura Turística;	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliação das tendências globais do setor do turismo (procura turística); • Identificação dos fatores críticos de evolução do mercado (análise crítica da procura potencial); • Avaliação do efeito da sazonalidade na estrutura do setor do turismo local; • Caracterização do perfil dos visitantes e definição de segmentos de mercado específicos; • Realização de inquéritos aos visitantes e de entrevistas aos principais players locais do setor.
Residentes Locais	<ul style="list-style-type: none"> • Operacionalização de um processo de diálogo às famílias residentes no concelho, e aos naturais de Miranda do Douro residentes em outras geografias nacionais e mundiais; • Identificação dos hábitos de lazer e recreio e dos comportamentos de compra e consumo; • Avaliação das iniciativas/ eventos do concelho com maior notoriedade;

	<ul style="list-style-type: none"> • Identificação de investimentos estratégicos – materiais e imateriais.
Análise Económica	<ul style="list-style-type: none"> • Identificação e organização dos investimentos e respetivas oportunidades percebidas; • Análise da atividade económica local (estrutura empresarial do concelho); • Avaliação da importância e do impacto económico do turismo no município; • Identificação de novas oportunidades de financiamento e de realização de candidaturas.
Análise Sociométrica	<ul style="list-style-type: none"> • Dinamização de uma rede de cooperação municipal que envolva um grande número de parceiros locais, com atividades ou interesses no setor do turismo; • Definição e construção de um modelo de gestão e promoção do setor do turismo; • Estruturação e organização de um órgão de gestão municipal; • Reuniões com os principais agentes municipais (capacitação institucional); • Definição de uma estrutura de governo e monitorização da política e estratégia.
Marketing Territorial	<ul style="list-style-type: none"> • Avaliação prévia das propostas de valor – programas de ação e linhas de ação; • Estruturação da logomarca e respetivo manual de normas (imagem específica para o turismo); • Consolidação do plano de ação e programa de monitorização; • Identificação de sistemas de incentivos para a operacionalização do Plano; • Definição dos canais de distribuição e promoção/ comunicação a privilegiar; • Desenvolvimento de novas soluções de comunicação eficientes e eficazes.
Workshops Temáticos	<ul style="list-style-type: none"> • Organização de diversas reuniões temáticas, desconcentrados no território; • Cooperação com os diferentes organismos locais da administração, das empresas (ênfase nas empresas do setor do turismo) e do movimento associativo local; • Validação da informação produzida previamente (informação secundária e primária), e resultado da participação pública alargada.

A nova economia assenta, cada vez mais, na necessidade dos municípios encontrarem dentro dos seus territórios os fatores de desenvolvimento que lhes permitam crescer, de acordo com os seus recursos e capacidade de investimento realizada através de parcerias entre os agentes do setor público e os empresários locais. Assim, torna-se essencial que sejam operacionalizadas análises rigorosas de inventariação e sistematização de recursos turísticos, capazes de evidenciar as fontes de crescimento endógenas existentes nos respetivos territórios.

Nesta área, serão apresentadas matrizes de inventariação e de caracterização de recursos que permitem avaliar, com rigor, as áreas de crescimento economicamente sustentáveis com que o município se poderá desenvolver no futuro.

4. A IMPORTÂNCIA DA DIVERSIDADE

A potencialidade do desenvolvimento turístico da região de Miranda do Douro, tal como aqui é concetualizada, implica, do nosso ponto de vista, um entendimento alargado do conceito de diversidade. Este é um termo polissémico que abrange várias áreas do conhecimento. Aplicando-o às línguas, verifica-se que esta variedade demonstra a riqueza linguística e cultural de uma região.

Assim, acreditamos que o turismo contribui para formar cidadãos do mundo, capazes de viver na nossa aldeia global⁴, sendo uma mais-valia para a formação de uma identidade internacional dos turistas. Do nosso ponto de vista, ter acesso às especificidades culturais de cada região, através de experiências turísticas, não tem como objetivo olhar as diferenças dos grupos étnicos, linguísticos e culturais. Ao conceber a Diversidade numa perspetiva unicamente étnica e cultural, está a reduzir-se o conceito a referentes (teóricos e experienciais) limitativos, preocupando-nos apenas com o facto de pôr os turistas em contacto com as diferentes abordagens culturais e religiosas, visando desenvolver atitudes de tolerância e de respeito para com o que é distinto.

Numa outra perspetiva, é necessário que os turistas tomem consciência da +aDiversidade Intracultural⁵, isto é, das diferenças entre iguais, entre aqueles que habitam num mesmo país. Aliás, ignorar ou relegar para segundo plano os que são diferentes limita a abrangência da Diversidade. Como tal, para compreender que há diversidades de famílias, culturas, raças, línguas, níveis sócio-económicos..., é necessário olhar através do olhar dos outros (Spier, 1991).

⁴ Roberto Carneiro aponta a “amplamente constatada impreparação da humanidade para assimilar uma das maiores transformações culturais de sempre: a vizinhança global...” (2001: 70).

⁵“Si à l’hétérogénéité intergroupale on ajoute l’hétérogénéité intragroupale liée au fait que les rapports de filiation entre un individu et son groupe sont lâches et tenus, que les caractéristiques groupales ne se retrouvent pas systématiquement chez tous les membres du groupe, on admettra que l’identité, loin d’être une catégorie, est surtout une dynamique, une construction permanente, qu’elle est source d’ajustements, de contradictions, voire de conflits, de manipulations, de dysfonctionnements. Pour toutes ces raisons, il devient de plus en plus difficile de définir un individu en dehors de lui, hors de toute relation avec lui. Les marqueurs d’identité (âge, groupe national, culturel ou social) sont ténus, lâches, fugitifs. Ils ne sont plus l’apanage d’un groupe unique et clairement identifié. On assiste à une forme de brouillage identitaire qui ne permet plus une identification autoritaire d’autrui par catégorisation et marquage spontanés de l’ordre de l’injonction et de l’imposition. Il ne suffit donc plus de connaître ou d’apprendre à connaître autrui à partir d’une identité unique et homogène, mais d’apprendre à le reconnaître.” (Abdallah-Preteceille, 1999: 15).

Assim sendo, concluímos que os habitantes de um mesmo país, possuindo referentes linguístico-culturais semelhantes a um Outro ou não, apresentam características próprias que os tornam únicos. Daí que tenhamos de dar voz a essas “culturas” que marcam a diversidade, independentemente dos fatores que a originam.

Por outras palavras, alertamos para o facto de todas as sociedades, regiões, países serem, a nível turístico e não só, pluriculturais devido à coexistência de várias culturas: gastronómica, religiosa, étnica, linguística, arquitetónica, etnográfica, entre outras.

Dentro desta visão que propomos, salientamos a importância da Diversidade Intracultural, mostrando que o que se pressupõe coeso e homogéneo se revela, muitas vezes, heterogéneo e fraturado. O fechamento e a unilateralidade que se pensa existir dentro de um mesmo país podem tornar-se frágeis. Por exemplo, no caso do turismo, urge olhar para cada região como tendo características próprias, com manifestações artísticas peculiares. De facto, quando o turista chega, cria-se o momento de convergência de diferentes culturas no espaço turístico.

Esta emergência do diálogo intercultural, distanciando-se de uma lógica bipolar do Eu e do Outro, terá como objetivo mostrar que se as especificidades de uma região a demarcam, também servirão para evidenciar os pontos comuns que, muitas vezes, se fazem sentir dentro da Diversidade.

Daqui se conclui que a tensão entre a Diversidade e a igualdade é, indubitavelmente, um dos eixos estruturantes do Turismo do século XXI. Aliás, a diversificação que caracteriza o turismo engendrou relações novas entre as culturas, as pessoas, as identidades. A realidade humana é, neste sentido, extremamente complexa, sofrendo a intervenção de muitos outros fatores: sociais, económicos, políticos, históricos. Todavia, a pluralidade dos tempos modernos remete-nos para questões da construção da identidade.

Esta individualidade é construída, do nosso ponto de vista, na interação com o Outro, saindo reforçada pelo contacto entretanto estabelecido. É com base neste duplo movimento de individualidade (identidade) e colectividade (alteridade) que o turista constrói a sua identidade.

É preciso reconhecer e aceitar a heterogeneidade dentro de um mesmo país/ região, até porque a Diversidade é constitutiva da natureza geográfica e o reconhecimento da Diversidade interna é uma das condições para reconhecer a Diversidade externa. Aquele que não é capaz de ver a multiplicação do seu ser e da sua riqueza interior não pode ter acesso à riqueza do Outro.

É a partir destes pressupostos que caracterizaremos a região de Miranda do Douro e a língua mirandesa, apresentando as potencialidades de desenvolvimento turístico da área.

5. IDENTIDADE E SINGULARIDADE EM TURISMO: BREVE CARACTERIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE MIRANDA E O LUGAR DO MIRANDÊS

A terra de Miranda foi sempre, desde há mais de dois mil anos, uma terra de fronteira, facto gerador de influências dos povos vizinhos e daqueles que para lá se deslocam. Essa característica de terra raiana, no período do nascimento da língua, foi particularmente significativa nos séculos VI-VIII, sendo o limes (faixa de fronteira) entre os reinos suevo e visigodo, facto bem documentado pelo topónimo Mogadouro.

Segundo Amadeu Ferreira (2010), Mogadouro tem origem no étimo “Muga” e “Gothorum”, que significam “fronteira dos Godos”. O astur-leonês foi a língua falada no reino de Leão, desde a sua origem, com exceção da zona galaico-portuguesa. Nessa altura, era a língua da corte e dos mosteiros, escrita em milhares de documentos até aos séculos XIII-XIV. Era uma língua de cultura e jurídica, seguida pelas instituições monásticas, sendo de destacar na terra de Miranda a influência dos Mosteiros de Moreruela, junto a Zamora, e de San Martin de Castañeda (Sanábria). No tombo do mosteiro de Moreruela, encontram-se inúmeros documentos relativos às Terras de Miranda nos séculos XII-XIV, muitos deles escritos num leonês muito próximo do mirandês atual.

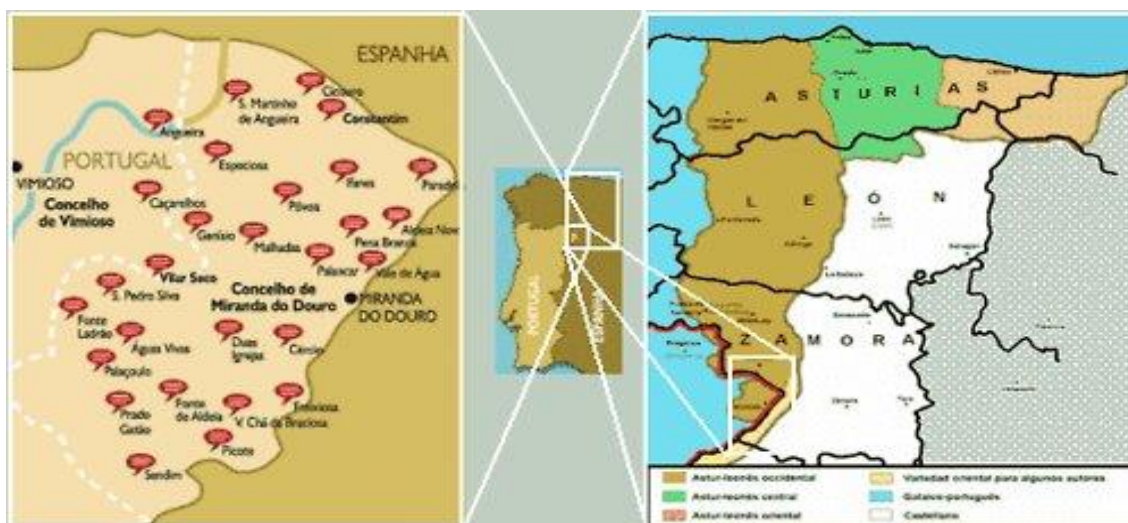


Figura 1 - Território onde se fala mirandês.

Fonte:<http://nocaducanunca.com/wp-content/uploads/2009/07/Mirand%C3%A9s.jpg>

O mirandês, idioma do fragmentado grupo neolatino asturo-leonês, implantado numa área geográfica com cerca de 500 km² do Nordeste de Portugal, abarca os concelhos de Miranda do Douro e uma parte de Vimioso no distrito de Bragança, junto à fronteira com Espanha. A Terra de Miranda caracteriza-se pelo carácter bilingue, ou mesmo, em certos casos, trilingue das suas povoações (mirandês, português e castelhano). Os três idiomas, todos neolatinos e implantados em espaços geográficos contíguos, partilham um percurso histórico-linguístico com múltiplos laços comuns. Esta língua minoritária convive no mesmo espaço geográfico e social do português, relacionando-se ainda com o castelhano, língua maioritária do país vizinho, não autóctone da Terra de Miranda, mas que nela marca uma presença relevante. O mirandês é não só uma entidade linguístico-estrutural, mas também uma realidade social, que se estabelece com o português e com o castelhano. Com um tronco linguístico comum – o Latim -, a Língua Mirandesa distingue-se do Português por provir do Asturo-leonês, enquanto a língua mãe provém do Galaico.

A língua mirandesa tem a sua origem entre os séculos VI-VIII numa região integrada no império romano habitada pelo povo Astur, onde as tribos dos Zoelas ou Zelas ocupavam uma área que abrangia uma parte importante do atual distrito de Bragança, em Portugal, e a região de Carvalheda, de Alba e de Aliste, delimitada pela serra de Culebra e os rios Esla e Douro, na atual província de Zamora, em Espanha. Outros povos influenciaram a

língua asturo-leonês, como suevos, visigodos e árabes. Importa destacar a influência moçárabe (ainda que pouco estudada) na língua mirandesa, já que muitos foram os colonos moçárabes que vieram para a terra de Miranda após a expulsão dos árabes, logo no início da expansão do reino de Leão.



Figura 2 - Reino de Leão, berço do Asturo-Leonês

Fonte:

http://www.catedralesgoticas.es/vademecum/mapa_reinoleonX.jpg

Mais tarde, o desaparecimento do Reino de Leão privou a língua asturo-leonesa de um centro de poder que permitisse a sua propagação, uniformização e consolidação como língua. Nesse período, os idiomas possuíam uma grande diversidade,

fruto das localizações, sendo difícil ações de unificação, levando ao seu acantonamento progressivo nas zonas rurais. Uma parte importante da nobreza do início da formação de Portugal, como os Braganças, e os próprios príncipes que estão na sua origem, como D. Teresa e seu filho, D. Afonso Henriques, eram também falantes de leonês. Assim, a língua mirandesa é uma língua de Portugal, elemento essencial da sua história, da sua cultura, da sua identidade e da sua existência.

Alguns autores procuraram demonstrar que o mirandês não era originário da terra de Miranda, mas se devia à colonização leonesa levada a cabo nos séculos XIII e XIV, quer pelos frades do Mosteiro de Moreruela quer por outros colonos leoneses. Porém, essa tese é contrariada por Ferreira (2010), argumentando que essa colonização foi muito pouco profunda e se limitou a algumas aldeias da terra de Miranda, pois existem provas documentais que mostram inequivocamente que a língua mirandesa sempre teve assento no seu atual território, não resultando de uma importação tardia. Desde logo, em documentos do século XII, relativos a aldeias da terra de Miranda e muito anteriores à colonização cisterciense de Moreruela, já se encontravam topónimos escritos em língua asturo-leonesa. Exemplo deste facto é o documento de doação do reguengo de Palaçoulo por D. Afonso Henriques, em 1172, a Pedro Mendes. Além disso, a tese do despovoamento da região de Miranda, durante o período posterior à conquista árabe, em que assentam as opiniões acima referidas, não tem fundamento, pois está demonstrado que houve continuidade de povoamento da terra de Miranda anterior à fixação dos romanos (tribo astur, os zoelas ou zelas), continuando um número significativo de topónimos anteriores à vinda dos árabes.

Até ao fim do século XIII, a região de Miranda não teve contactos com o português, tal apenas acontecendo, em grau diminuto, após a elevação de Miranda a vila (1298), com a vinda de funcionários do rei. A partir do século XVI, com a criação do bispado (1545), a língua mirandesa enveredou por caminhos que lhe fizeram ganhar características próprias no conjunto das línguas asturo-leonesas, embora sem pôr em causa a sua pertença a essa família de línguas. As características próprias que o mirandês veio a ganhar exigem a sua consideração como língua, e não como mera expressão dialetal de alguma outra língua asturo-leonesa, o mesmo acontecendo com outras línguas asturo-leonesas que ganharam algumas características próprias, de que é exemplo o asturiano, falado no principado das Astúrias e reconhecido como língua por

estatuto do principado. Apesar das diferenças, essas várias línguas nunca perderam as suas singularidades, quer em termos estruturais quer em termos históricos. O processo lento de reconhecimento e a aceitação das diferenças e dos laços históricos comuns permitem a consolidação das várias línguas asturo-leonesas.

A influência do antigo reinado asturo-leonês fez com que, aquando da independência de Portugal, Miranda do Douro continuasse isolada, recebendo mais influências dos caminheiros de Santiago, dos pastores de Leão, dos contrabandistas ou dos ceifeiros. A evolução histórica e política do país manteve o isolamento do concelho, ajudando a manter a Lhéngua nas Terras de Miranda.

Perante esta prática, as línguas asturo-leonesas, e também o mirandês, ficaram excluídas dos grandes movimentos culturais dos séculos XV-XVI. Nesta época, é acentuado o processo de memorização dessas línguas, materializado nas obras de autores teatrais como Juan del Encina e Miguel Cervantes, em Espanha, e Gil Vicente, em Portugal, entre outros. A língua mirandesa manteve-se como língua exclusivamente oral até 1884, ano em que José Leite de Vasconcelos publicou *Flores Mirandesas*, a primeira obra escrita em mirandês. No último quartel do século XIX, vários autores mirandeses publicaram obras em mirandês, em particular traduções de autores clássicos e de «Os Quatro Evangelhos», com destaque para Bernardo Fernandes Monteiro, Manuel Sardinha e Francisco Meirinhos. A escrita seguida por José Leite de Vasconcelos era muito complexa, visando expressar toda a riqueza da oralidade, mas um sistema de escrita mais simples foi apresentado por Gonçalves Viana, depois seguido por vários autores. Daí em diante, a escrita da língua mirandesa oscilou entre aquelas duas propostas, até que em 1999 (lei nº 7/99, de 29 de Janeiro) é publicada a Convenção Ortográfica da Língua Mirandesa, cujo projeto esteve em discussão desde 1995. Segundo Mourinho (1987), o mirandês subsiste em toda a área rural do concelho de Miranda do Douro, assim como nas aldeias de Angueira e Vilar Seco, pertencentes ao concelho de Vimioso. A interioridade promoveu a manutenção da Língua Mirandesa.

De acordo com Amadeu Ferreira (2010), a língua tem vindo a regressar devido a dois fatores: a uma contínua e profunda relação com os povos do outro lado da fronteira, em particular das regiões de Aliste e de Sayago, e o regresso das pessoas às aldeias. Por outro lado, o ensino da língua mirandesa nas escolas públicas tem contribuído para a preservação e disseminação desta língua minoritária em Portugal. O ensino da língua mirandesa iniciou-se em 1985/86, na Escola Preparatória de Miranda do Douro, com Domingos Raposo, aí se mantendo por vários anos, reduzido a duas turmas do 5º e 6º anos. Entretanto, o ensino foi regulamentado pelo Despacho Normativo, do Ministro da Educação, n.º 35/99, de 5 de Julho, na sequência da lei nº 7/99, de 29 de Janeiro. Hoje, a língua mirandesa é ensinada em todas as escolas do concelho de Miranda do Douro, da pré-primária ao 12º ano, como disciplina de opção, iniciados por Carlos Ferreira e continuados e levados a bom termo por Duarte Martins. A língua mirandesa foi também ensinada na UTAD – Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (Pólo de Miranda do Douro), em cursos ministrados por Domingos Raposo. Fora do ensino oficial, têm sido realizados vários cursos, de diferente natureza, apenas tendo carácter regular o ensino organizado pela Associação de Lhéngua Mirandesa, em Lisboa, desde 2001, em cursos iniciados por Amadeu Ferreira e hoje também ministrados por Francisco Domingues e por Bina Cangeiro. O território de Miranda do Douro possui uma riquíssima literatura de tradição oral, nos mais diversos domínios da expressão popular: poesia, romance, conto, cantiga, oração, entre outros. Uma parte importante desse património está ainda por recolher e, sobretudo, por organizar e estudar.

De acordo com Amadeu Ferreira (2010), no século XIX, assistimos à publicação de poemas originais por Francisco Meirinhos, de traduções de Camões e de Antero de Quental por Manuel Sardinha, de Camões e dos Quatros Evangelhos por Bernardo Fernandes Monteiro, autor que também publica a tradução de contos e diálogos vários. Deve-se a Francisco Garrido Brandão uma peça de teatro em mirandês, *Sturiano i Marcolfa*, publicada por José Leite de Vasconcelos e uma versão de inúmeros lhaços em mirandês, ainda inéditos. Já no século XX, António Maria Mourinho publica vários poemas em mirandês, depois reunidos no volume *Nuossa Alma i Nuossa Tierra*, a que se veio juntar, mais tarde, o poema “Scoba Frolida an Agosto” e outros poemas dispersos. A um autor não mirandês se deve uma importante peça de teatro em mirandês, *As Saias* (1938), que chegou a ser representada no Teatro Nacional D. Maria II.

Por outro lado, assiste-se a um surto de literatura mirandesa a partir dos anos 90 do século XX, e o surgimento de vários autores, com obra publicada em poesia e em prosa. Na poesia, destacam-se Adelaide Monteiro, Alcides Meirinhos, Amadeu Ferreira (e dos seus pseudónimos Francisco Niebro, Marcus Miranda i Fonso Roixo), Célio Pires, Conceição Lopes, Domingos Raposo, Emílio Martins, José António Esteves, José Francisco Fernandes, Manuel Preto, Marcolino Fernandes, Rosa Martins. Na prosa, são várias as obras de Alcides Meirinhos, Alcina Pires, Alfredo Cameirão, Amadeu Ferreira (e os seus pseudónimos Francisco Niebro i Marcus Miranda), Ana Maria Fernandes, António Bárbolo Alves, Bina Canguero, Carlos Ferreira, Duarte Martins, Faustino Antão, Válter Deusdado. Estes autores publicam as suas obras em jornais e revistas, em especial o “Jornal Nordeste / Fuolha Mirandesa”, mas também em sítios e blogs na internet.

Sendo um território de raia, além do mirandês, outras falas asturo-leonesas se mantiveram até há pouco tempo na zona fronteira do concelho de Bragança, chamada Lombada, em particular nas aldeias de Rio de Onor, Guadramil, Deilão e Petisqueira. Porém, a fala leonesa tem sido dada como extinta nestas aldeias, embora não seja totalmente clara a situação de Rio de Onor. Apesar de já não se falar mirandês nessa região mais vasta, existe ainda uma cultura comum, em particular na área correspondente à medieval Terra de Miranda (concelhos de Miranda do Douro, Vimioso, Mogadouro e parte dos concelhos de Freixo de Espada à Cinta, de Bragança e de Macedo de Cavaleiros), cultura que se manifesta pelo vocabulário usado, pela fonética e muitas construções sintáticas do português falado nessa zona, pela similitude de festas, tradições, música e dança (Património Imaterial).

6. CARACTERIZAÇÃO DO TERRITÓRIO MIRANDA DOURO E A SUA INTEGRAÇÃO NA REGIÃO ENVOLVENTE

A fundação do município foi em 1136, mas o território era habitado já desde a Idade do Bronze. Miranda foi uma cidade importante no tempo dos romanos, que lhe deram o nome de Conticum, depois de Paramica e, por fim, Seponcia. Conquistada pelos árabes em 716, estes deram-lhe o nome de Mir-Andul, nome que, por deformação, se tornou Miranda. Miranda é uma referência cultural, social e religiosa de Trás-os-Montes, é um símbolo secular da vontade lusitana em terras fronteiriças.

A heráldica do Brasão revela armas de ouro com um castelo vermelho, aberto, e iluminado a prata. A torre central é encimada por um crescente de vermelho apontado ao centro do escudo. Possui uma coroa mural de cinco torres de prata, um listel com os dizeres “Cidade de Miranda do Douro”, a negro. O ouro indicado para o campo significa felicidade, constância e poder; o castelo e o crescente são vermelhos por ser o esmalte que significa vitória, ardis e guerra. Por sua vez, o castelo aberto e iluminado de prata remete para o metal que significa humildade e riqueza.



Figura 3 - Brasão de Miranda do Douro

Fonte: <http://www.cm-mdouro.pt/concelho/heraldica-do-brasao/>

O concelho de Miranda do Douro pertence ao Distrito de Bragança, Região (NUTS II), Norte e Sub-região (NUTS III), Alto Trás-os-Montes, Terra de Miranda, possuindo 2 254 habitantes (2011).



Figura 4 - Localização do Concelho Miranda do Douro

Fonte: <http://www.vistabela.com.pt/imagens/mapa.jpg> e http://www.vistabela.com.pt/imagens/Miranda_do_Douro_freguesias_2013.svg

As 13 freguesias de Miranda do Douro (com os nomes em mirandês entre parênteses) são as seguintes: Constantim e Cicouro (Custantin i Cicuiro); Duas Igrejas (Dues Eigreijas); Genísio (Zenízio); Ifanes e Paradela (Anfainç i Paradela); Malhadas (Malhadas); Miranda do Douro (Miranda de L Douro); Palaçoulo (Palaçuolo); Picote (Picuote); Póvoa (Pruoba); São Martinho de Angueira (San Martino de Angueira); Sendim e Atenor (Sendin i Atanor); Silva e Águas Vivas (Silba i Augas Bibas) e Vila Chã de Braciosa (Bila Chana de Barceosa).

As atividades económicas principais nas diversas freguesias são a agricultura, a pecuária, a carpintaria, o artesanato, a construção civil, o comércio e alguma indústria: tecelagem (fabricantes de lã), alfaiates, sapateiros, carpinteiros e ferradores. De destacar as indústrias artesanais: forjas, os teares, os lagares de Vinho e azeite, os fornos de cozer o pão, os alambiques, os pombais, bem como uma dezena de moinhos de água ao longo do curso da Ribeira que corre para o Douro; fabrico de telha de barro e a cultura do bicho-da-seda; cestaria, a preparação do linho e da lã para a tecelagem. O trabalho agrícola, feito em base familiar e com recurso a animais de tração, sempre contou com a

colaboração dos vizinhos num sistema de troca de trabalho (“torno a geira”). A exploração mineira do volfrâmio, a transformação de carnes e a produção de fumeiro têm algum relevo em Águas Vivas.

A construção do inventário patrimonial (material e imaterial) é etapa indispensável ao processo de registo de bens culturais, trabalho necessário no sentido de incentivar a preservação dos mesmos e viabilizar ações municipais nesse sentido. A organização desse amplo registo pretende, através dos instrumentos de inventário, fornecer propostas para o conhecimento e a consciencialização da sociedade local sobre o seu património coletivo, como documento histórico e a necessidade de preservá-lo. Os elementos inventariados envolvem os recursos primários e complementares.

Recursos Primários	Património Natural	Espejos de água, praias fluviais	Recursos Primários	Equip.	Culturais	
		Serras, montanhas e vales			Desportivos	
		Paisagem			Recreativos e de lazer	
		Natureza, Manchas florestais				
	Património Cultural	Monumental		Estações arqueológicas	Eventos	Festas e celebrações religiosas
				Igrejas, capelas e ermidas		Festas e romarias, Feiras
				Aldeias típicas		Desportivos
				Edifícios de interesse relevante		
				moinhos		
				Centros históricos / aglomerados		
Etnog. e Artístico	Etnog. e Artístico	Museus	Recursos Complementares	Activ.	Gastronomia e vinhos	
		Arte Sacra			Romagens e cultos	
		Artesanato				
Actividades	Actividades	Roteiros		Equipamentos	Estabelecimentos hoteleiros	
		Desportivas			TER	
		Culturais			Restauração e similares	
					Parques de campismo	
					Terminais de transporte rodoviário	
					Eixos vários de acesso	

Figura 5 - Recursos a inventariar no território

Fonte: Produção própria

Património Natural:

Em Paradela, a Paisagem sobre o Douro no Miradouro da Penha das Torres (onde o rio Douro entra em Portugal). No Parque Natural do Douro Internacional, existem diversos Miradouros: São João das Arribas; Castrilhouço; Sra. da Luz; Fraga do Puio; Fraga Amarela; Castelo; Freixiosa; Chapéu; Sé Catedral; Penha das Torres; Teixeira; Cabecito da Vinha; Carreirão das Arribas; Capela de São Paulo; Capela de Santa Ana; Centro de Interpretação Turístico e Ambiental.

Monumentos:

<p>Aldeia Nova</p> <ul style="list-style-type: none"> • Igreja Matriz • Castro de S. João das Arribas • Capela de São João das Arribas • Fontes • Lagar recuperado 	<p>Vale d`Águia</p> <ul style="list-style-type: none"> • Igreja Matriz • Castro • Moinho de água recuperado • Fontes • Arquitetura tradicional
--	--

<ul style="list-style-type: none"> • Arquitetura Tradicional 	
<p>Aldeia de Constantim:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Igreja Matriz de Nossa Senhora da Assunção • Vestígios de castro Romanizado • Fontes e Fontanários • Capela da Sra. da Luz • Capela da Santíssima Trindade • Casa do Gaiteiro • Cruzeiros • Museu da Associação Cultural e Recreativa • Capela de Nossa Senhora das Dores • Vestígios de um castro • Parque de Lazer dos Lagonalhos 	<p>Picote: Igreja Matriz</p> <ul style="list-style-type: none"> • Arquitetura tradicional e popular • Capela de Sto. Cristo • Capela de Santa Cruz • Cruzeiros e Fontes • Lagares de Azeite • Vestígios arqueológicos da existência de três castros • Esculturas rupestres e esculturas em pedra • Eco-Museu da Terra de Miranda – “Terra Mater” • Moinho recuperado
<p>Barrocal do Douro:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Igreja Matiz • Arquitetura própria – “Moderno escondido” • Empreendimento Hidroelétrico do Douro Internacional – classificado como conjunto de interesse público. 	<p>Picote:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Igreja Matriz • Arquitetura tradicional e popular • Capela de Sto. Cristo • Capela de Santa Cruz • Cruzeiros e Fontes • Lagares de Azeite • Vestígios arqueológicos da existência de três castros • Esculturas rupestres e esculturas em pedra • Eco-Museu da Terra de Miranda – “Terra Mater” • Moinho recuperado
<p>Vila Chã de Braciosa:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Igreja Matriz de São Cristovão – Classificada como Imóvel de Interesse público; • Casa Paroquial • Capela de Sta Cruz • Capela da Santíssima Trindade • Capela de Santo Albino 	<p>Aldeia de Palçoulo:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Capela da Sra. do Carrasco • Vestígios de um castro Romanizado • Vestígios de um povoado romano • Fraga do Barroco Pardo • Igreja e capela Santo Cristo • Ruínas da capela de Macieiras

<ul style="list-style-type: none"> • Capela de São Domingos • Vestígios arqueológicos da existência de dois castros • Vestígios rupestres: Lagares rupestres, altar de sacrifícios, sepulturas • Casa da frágua • Forja Comunitária • Vários Parques de merendas • Estrada e calçada Romana 	<ul style="list-style-type: none"> • Ribeira de tortulhas • Fábricas de Tanoaria e Cutelaria • Fraga da Moura;
<p>Freixiosa:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Igreja Matriz • Duas capelas • Fontanários • Parque de merendas 	<p>Cércio:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Igreja Matriz • Fontanários, de salientar a Fonte a Baixo • Capela de Sta. Marinha • Castro de Cércio e Sta. Marinha, povoado romano medieval • Ruínas da capela de santo André • Árvore de interesse publico – Zimbro • Capela do Divino Espírito Santo • Poço do Inferno
<p>Miranda do Douro:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Sé Catedral • Museu da Terra de Miranda • Igreja da Misericórdia • Igreja de Sta Cruz • Solar dos Ordazes • Rua da Costanilha • Casa das quatro esquinas • Ruínas do Paço Episcopal • Casa da Música Mirandesa • Casa da Cultura Mirandesa • Cabanais do Castelo • Castelo e Muralhas Pré Romanicas • Casa dos Sarmentos e Vasconcelos • Biblioteca Municipal – Convento dos Frades Trinos • Fonte dos canos 	<p>Paradela:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Igreja Matriz • Capela de S. Martinho • Capela do Cemitério • Cruz do Pendonico • Fonte da Pregriça • Casa do Dízima • Penha do Mouro • Moinhos de água • Vestígios de um castro • Maior Castanheiro do P.N.D.I.

<ul style="list-style-type: none"> • Aqueduto do Vilarinho • Parque Urbano do Rio Fresno • Capela de Santa Luzia • Capela de Santa Catarina • Postigo da Barca • Solar dos Buiças • Antiga Hospedaria do Zambeira • Antigo Quartel de S. José <p>Centro de Interpretação Turístico e Ambiental</p>	
<p>Atenor</p> <ul style="list-style-type: none"> • Igreja Matriz de N. Sra. da Purificação • Capela de Santo Cristo • Arte Rupestre – Fraga da Lapa • Afloramentos Rochosos • Abrigos Rupestres • Sede da Associação AEPGA • Fonte do cabo do Lugar • Vestígios de um Castro – Ervideiros • Povoado Romano •Sede da Associação Lérias 	<p>Teixeira:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Igreja Matriz • Capela de Sto. Cristo • Vestígios de um castro e povoado romano • Arte Rupestre • Afloramentos Rochosos • Parque de lazer junto ao rio Angueira • Cruzeiro
<p>Vila Chã de Braciosa:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Igreja Matriz de São Cristovão – Classificada como Imóvel de Interesse público; • Casa Paroquial • Capela de Sta Cruz • Capela da Santíssima Trindade • Capela de Santo Albino • Capela de São Domingos <p>Vestígios arqueológicos da existência de dois castros</p> <p>Vestígios rupestres: Lagares rupestres, altar de sacrificios, sepulturas</p> <ul style="list-style-type: none"> • Casa da frágua • Forja Comunitária 	<p>Sendim:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Arquitetura civil, tradicional e popular • Igreja Matriz • Capela de Nosso Senhor da Boa Morte • Capela de Nossa Senhora dos Remédios • Vários Cruzeiros • Esculturas e sepulturas em pedra (Santos) • Ruínas da capela de S. Paulo nas Arribas do Douro • Carreirão das Arribas • Casa do Pauliteiro • Casa da Cultura • Centro de Música Tradicional “ Sons da Terra”

<ul style="list-style-type: none"> • Vários Parques de merendas • Estrada e calçada Romana 	<ul style="list-style-type: none"> • Fontanários e fontes • Pisões – Espaço de lazer junto ao rio Douro • Casa do Artesanato • Capela de S. Sebastião
<p>São Pedro da Silva:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Igreja Matriz • Capela do Divino espírito Santo • Dois Cruzeiros • Grutas de santo Adrião com indícios de ocupação Pré-histórica • Capela da Sra. do Rosário • Parque de merendas 	<p>Granja:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Igreja Matriz • Capela de Santa Ana • Estátua Menir • Fontanários

Património Etnográfico e artístico

Museus: Constantin: museu das tradições; Genízio: Museu rural (Lagar); Miranda: Museu da terra de Miranda;

Etnografia: Trajes Regionais (capa de Honras, os coletes, o traje da mulher mirandesa e o traje de Pauliteiros); colchas (confeção de colchas, tapetes, carpetes, alforges são feitos com lã de ovelha ou com linho), tapetes e rendas; gaita-de-foles; trabalhos em madeira (arados, rocas, carros de bois em ponto pequeno e outros objetos tradicionais); ferro forjado; Cestaria (vime e a verga); cobre, zinco e cutelaria; pendões; máscara; Os Dançadores

Casas: Casas para guardar rebanhos; chebiteiros; pombais; fontes de mergulho; pontes; castros; moinhos de água.

Atividades

Percursos: De Miranda do Douro ao S. João das Arribas; Póvoa: É atravessada por uma antiga estrada romana, conhecida como estrada mourisca; Cruzeiros Ambientais no Douro Internacional; Passeios de Burro;

Culturais: Desfile de capas de honra; Desfile de pendões; A língua – a fala:

As Festas - Festas do solstício de inverno; oentruado; representações e procissões na semana santa; o teatro popular (Quelóquios); festas das colheitas; festas de raiz pagã; rituais da iniciação; o culto da fertilidade; festa dos rapazes; rituais de iniciação; ceia comunitária;

Eventos

Feiras:

Constantin: São João; Romaria de Nossa Senhora da Luz (último domingo de abril);

Festa do Mono e da Mona (3º domingo de setembro); Ceia das morcelas (29 de dezembro); Festa dos Moços (28 de dezembro). Cicouro: St.º António (10 janeiro); S. João (24 junho); St.º Amaro (domingo próximo de 15 agosto); N. Sr.ª Fátima (maio e outubro); N. Sr.ª Rosário (último domingo de outubro).

Santo Amaro (15 de janeiro); São Gregório (início de agosto); N. Sr.ª da Conceição (8 de dezembro).

Genísio: N. Sr.ª das Candeias (2 de fevereiro ou fim de semana mais próximo); Santa Bárbara e São Bartolomeu (início de agosto).

Ifanes: S. Sebastião (3º fim de semana janeiro); N. Sr. Piedade (último domingo de maio); St.ª Catarina (25 de novembro). Paradela: Festa em honra de S. Sebastião (20 de janeiro); Festa em honra a Nossa Senhora da Ascensão (último domingo de agosto).

S. Sebastião (22 de janeiro); N. Sr.ª dos Remédios (15 maio); Santa Bárbara (3º domingo de agosto).

Palaçoulo: S. Sebastião (20 de janeiro); S. Miguel (8 de maio); N. Sr.ª do Carrasco (15 de agosto); Sr.ª Rosário (2 de setembro); St.ª Bárbara (20 de setembro ou no domingo a seguir); Prado-Gatão: St.ª Isabel (7 de julho); St.ª Bárbara (8 de agosto); Sr.ª do Rosário (16 de agosto);

Póvoa: N. Sr.ª do Rosário (1º Domingo de outubro), St.ª Estevão (26 de dezembro), Santo Amaro (casados 15 de janeiro). Romaria: N. Sr.ª do Naso (6,7 e 8 de setembro). Feiras: Mensal (22 de cada mês), Anual no Naso (6,7 e 8 de setembro); dias 6, 7 e 8 de setembro romaria, miradouro; teatro Popular Mirandês ou “Colóquios”, as danças de pauliteiros e os tocadores de gaitas de foles.

Sendim: Nossa Senhora da Purificação e de Santa Bárbara (entre o dia 15 e 20 de agosto).

Silva e Águas Vivas: Festas: Festa dos Reis (6 de Janeiro); Festa de Nossa Senhora do Rosário (1º domingo de maio); Festa de São Pedro (29 de junho); Festa de Santa Bárbara (1º domingo de agosto); Festa de Santa Marinha (agosto).

Celebrações Culturais: Dia da Geminação Miranda- Aranda de Duero;

Festas: Festa da Bola Doce e Produtos da Terra; TrailRunning Miranda do Douro; Festa dos Sartigalhos; Festa em Honra de Santíssima Trindade;

Recursos Complementares:

Gastronomia e vinhos: Posta mirandesa; foliar de carne; Bola doce mirandesa; fumeiro; Caça e Pesca: Perdiz; Coelho; Lebre; Javali; Rola Lagostim de água doce; Carpa; Barbo

7. CONCLUSÃO

O turismo necessita de ser encarado em termos económicos através de duas formas complementares. Por um lado, porque atrai novos consumidores para o território e, com estes, permite criar novas dinâmicas de negócio para as empresas locais. Por outro lado, porque permite melhorar as condições de vida das populações locais, oferecendo-lhes novas oportunidades de lazer, recreio e atividade profissional. Neste sentido, o turismo deve ser entendido como uma atividade económica capaz de promover a aproximação e a comunicação entre o município e os munícipes. O perfil do novo(s) turista(s) promoverá necessariamente novas oportunidades de expansão do setor, através do desenvolvimento de novas ofertas, da construção e estruturação de produtos personalizados e da afirmação de cadeias de negócio que concorrem invariavelmente para a projeção dos novos destinos, independentemente da sua dimensão geográfica. As características endógenas deste território asseguram-lhe, do nosso ponto de vista, um posicionamento privilegiado e altamente competitivo no quadro desta nova procura, quando comparado com outros municípios nacionais.

Por outro lado, a definição estratégica de desenvolvimento para o setor do turismo, nomeadamente à escala local, não deverá negligenciar os próprios residentes, na medida em que os mesmos estarão implicados de forma direta e indireta no modelo de desenvolvimento turístico que se venha a preconizar para o município. Assim, importa auscultar os residentes para conhecer, analisar e avaliar os seus hábitos de lazer e recreio, de cultura e animação, mas também as suas preferências e interesses, para que seja possível consensualizar as estratégias e o modelo de desenvolvimento turístico para o concelho, não esquecendo, futuramente, a forma como a vizinha Espanha está a trabalhar com as questões linguísticas e o seu aproveitamento turístico.

8. BIBLIOGRAFIA

Abdallah-Pretceille, M. (1999). *L'éducation interculturelle*. Paris, PUF.

Arantes, António, (2005). Global Opportunities for Intangible Heritage: New Challenges for Local Lives. *International Conference: Globalization and Intangible Cultural Heritage*. Tóquio, 26-27 Agosto 2004. France, UNESCO, 64-71.

Bakhtin, M., (1998). *Questões de Literatura e de Estética: a teoria do romance*. Trad. Aurora Fornoni Bernadini, José Pereira Junior, Augusto Góes Júnior, Helena Spryndis Nazário, Homero Freitas de Andrade. 4 ed. São Paulo, Editora Unesp, Hucitec.

Carneiro, R. (2001). *Fundamentos da Educação e da Aprendizagem*. Vila Nova de Gaia, Fundação Manuel Leão.

Castell, M., (2000). O poder da identidade. A era da informação: economia, sociedade e cultura. Trad. Klauss BrandiniGerhardt. V. 2. 2 ed. São Paulo, Paz e Terra.

Cravidão, F. & Santos, N. (coord) (2013). *Turismo e Cultura. Destinos e competitividade*. Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra.

Eagleton, T. (2005). *A ideia de cultura*. São Paulo, Ed. Unesp.

Ferreira, Amadeu (2010). *Nome Mogadouro*. Inédito.

Giddens, Anthony, (2000). Globalização, desigualdade e estado do investimento social. *Informe Mundial sobre a Cultura 2000*. Brasil, São Paulo, UNESCO/Editora Moderna Lda, 64-71.

Hall, S., (2004). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 9 ed. Rio de Janeiro, DP&A.

Mourinho, A., (1987). A língua mirandesa como vector cultural do Nordeste português. Actas das 1^{as} Jornadas de Língua e Cultura Mirandesa. *Miranda do Douro*, 75-87.

Pronk, Jan, (2004). Globalization as Global Exclusion. *Globalization with a Human Face. Benefiting All, International Conference*. Tóquio, 30-31 Julho 2003, France, UNESCO, 130- 136.

Ritchie, J., & Crouch, G., (2003). *The competitive Destination, a sustainable Tourism perspective*. CABI Publishing.

Silva, T. T. S. (org.) (2000). *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ Vozes.

Spier, P. (1991). *Gente*. Queluz, Edições Impala.

Valls, J., (2006). *Gestão integral de destinos turísticos sustentáveis*. FGV Editora.

Vignati, F., (2012). *Gestão de destinos turísticos*. Editora SENAC Rio de Janeiro.

Welsch, Wolfgang, (1999). Transculturality: The Puzzling Form of Cultures Today. En Featherstone, Mike e LASH, Scott (coord.), *Spaces of Culture. City – Nation – World*, London: Sage Publications, 194-213.

Webgrafia

<http://mirandes.no.sapo.pt/>

<http://mirandes.no.sapo.pt/afcv.html>

<http://mirandes.no.sapo.pt/mbfcv.html>

<http://mirandes.no.sapo.pt/cmcv.html>

<http://mirandes.no.sapo.pt/drcv.html>